



**TEXTO EM
REVISÃO**

**ATUALIZADO EM
05/2021**

**SUBSÍDIOS À LEITURA DO ROMANCE
DER PROCESS DE FRANZ KAFKA
(CONTINUAÇÃO DA PESQUISA REALIZADA NO
PPGF/UFRJ)**

Uma abordagem fenomenológica da obra de Franz Kafka Da teoria à prática

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

Os estudos desenvolvidos sobre a obra de Kafka utilizam a abordagem fenomenológica. Para tanto, é de ser efetuada uma introdução ao método fenomenológico e sua prática.

A tarefa é realizada com base nos ensinamentos de Natalie Depraz contidos na obra ***Comprendre la Phénoménologie une pratique concrète***¹, com tradução livre e adaptada de pequenos trechos dela extraídos.

Depraz lembra que a fenomenologia de Husserl foi compreendida como uma disciplina teórica, científica, gnoseológica e cognitiva.

Husserl partiu do modelo cartesiano da cientificidade do sujeito e, em movimento radical, conferiu ao ego transcendental o estatuto de único fundamento da pesquisa científica para a fenomenologia. Nesse sentido, o caráter apodítico do ego, critério último da verdade universal e necessária, alçou a fenomenologia em uma nova teoria transcendental do conhecimento depois de Descartes e Kant, vez que sempre movida por um modelo de inteligibilidade, através do qual o conhecimento do objeto se dá pelo conhecimento de si mesmo. Os filósofos que sucederam a Husserl, nesse modo de pensar, deram ênfase às dimensões práticas da experiência do sujeito, tais como as questões afetivas; a experiência do morrer; a liberdade e o sentido de contingência; a exposição ao outro e a ética do desmedido; a afetação por si mesmo como alegria e sofrimento; o fenômeno da revelação.

Em que pese considerar essa leitura da história da fenomenologia pertinente, Depraz entende haver uma limitação, no sentido de que não delinea todo o alcance da fenomenologia de Husserl, além de não se verificar a concretização da promessa de uma conversão prática pelos pós-husserlianos que apresentam uma prática-teórica, ou seja, regida por um critério de verdade que é sua coerência interna lógico-hermenêutica mais do que sua evidência intuitiva experimental.

Nesse sentido, a fenomenologia de Husserl não seria redutível a uma teoria do conhecimento dos objetos pelo sujeito. A percepção dirigida ao objeto é uma atividade primária que deve ser aprofundada e enriquecida pela rememoração, imaginação e

1 DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète**. Paris: Armand Colin, 2012, p.10-16

empatia; além do que, ela é tão somente primária na perspectiva estática da fenomenologia, a qual necessita do método genético para liberar todo o seu rigor.

Para Depraz, é o afeto que aprofunda o acerto do ato da percepção. Na variação das perspectivas, é todo o peso do conhecimento do objeto por um sujeito doador de sentido, portanto, dominante, que não o elimina, mas o reavalia através da transformação dessa instância em um sujeito exposto e afetado. Segundo ela, a passividade é a palavra de ordem experiencial pela qual se encontra radicalmente modificada toda a nossa relação com o conhecimento e, onde, em Husserl dos anos 1920, ocorre o surgimento de uma problemática prática através de temas que não mobilizam somente um objeto, mas a vivência do sujeito, bem como de outros sujeitos, de acontecimentos, de situações, de atividades. Nesse contexto, explica que a atitude fenomenológica prática consiste em se interessar pela empatia sobre como vive um outro sujeito, seus hábitos, suas habilidades, suas associações com os outros, suas ligações sociais, sua ética pessoal, coloca em primeiro plano as experiências limites como a morte de uma pessoa próxima, o nascimento de uma criança, o casamento de amigos, além das crises profissionais, dos dramas existenciais de casais, das catástrofes familiares e sociais, das festas comunitárias, das comemorações. Esse procedimento possibilita aquilatar a dimensão histórica, social e política da experiência, que apesar de poder ser compreendida como puramente individual, todos esses fenômenos somente terão sentido dentro do contexto de práticas sedimentadas e reativáveis.

De outra feita, a crítica elaborada pelos pós-husserlianos aos olhos do fundador deverá ela mesma ser medida de acordo com as proposições fenomenológicas por eles mesmos construídas. Ora, o conteúdo da experiência que cada um deles privilegia (a temporalidade afetada, a exposição ao outro, o desfrutar e o sofrer, a saturação e desfolhação do fenômeno) se encontra formalizado em uma ontologia ou em uma ética, as quais servem, nessa perspectiva, de simples substitutos a uma epistemologia do conhecimento.

Indaga assim em que medida a ontologia ou a ética serão menos teóricas que o conhecimento. **A dimensão prática é sempre diminuída e foi colocada no**

esquecimento em nome de uma preocupação de conceitualização que requer uma formalização da experiência do sujeito, seja essa gnoseológica, ontológica ou ética.

A prática é sempre definida superficialmente como ‘não teórica’, o que pode explicar o descrédito desde Aristóteles. Consoante Depraz, se faz necessária a superação do conflito aparente entre teoria e prática, vez que a experiência tem lugar na prática, sendo ela, para a fenomenologia, a fonte na qual a consciência apreende os diversos sentidos.

Depraz salienta a dificuldade da valorização da prática na medida em que essa implica numa vivência específica, que contrasta com o campo da filosofia, o qual, segundo a tradição, corresponde ao lugar da verdade universal e do necessário. **Com isso, a dimensão prática, em face de seu aspecto dinâmico, para ser objeto de interesse filosófico, acaba por se deturpar, já que o terreno da prática é o individual, o aqui e o agora, estabelecendo uma contradição quanto ao propósito filosófico sobre um tipo de objeto que lhe escapa de forma irreduzível.**

É de ser questionado como o método da fenomenologia, a redução, sempre apreendida depois de Husserl e seus sucessores como uma justificação do *a priori* da verdade do conhecimento do sujeito, pode representar o coração da prática inerente à fenomenologia².

Fenomenologia e prática

Entende Depraz que na leitura, com o método fenomenológico, o objeto principal é o próprio texto; sendo necessário saber qual a relação que se estabelece com ele, indagando se esse é um instrumento, um objetivo ou um suporte.

Como é possível saber se houve a compreensão do que foi lido ou escrito, qual o critério de verificação da correção e da validade do que foi elaborado através da

² DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète.** Paris: Armand Colin, 2012, p.10-12.

leitura e escrita? O critério é que vai permitir identificar a linha que divide entre uma abordagem fenomenológica de um texto e uma compreensão estritamente exegética.

O critério exegético de compreensão de um texto é a sua coerência interna, lógica e contextualizada, já o critério fenomenológico é de ordem intuitiva.

Depraz passa então a ensinar como realizar essa análise fenomenológica do texto.

Assim, para se começar a praticar a fenomenologia, não se pode considerar o texto como um objeto fechado nele mesmo e completo, mas como suporte provisório, contingente e encarnado de uma experiência que é prioritariamente determinante e que viabilizará o surgimento por ela mesma. **Ver a experiência depositada no texto é ter uma intuição e fazer desse critério de evidência interna o único critério autêntico de validade do propósito filosófico dado.**

A fenomenologia é praticada pelo olhar verdadeiro sobre o que é falado e o que é lido, ou ainda, efetuando realmente a experiência por si mesmo quando se lê ou se escreve.

Esse procedimento representa uma mudança no rumo na atitude filosófica habitual, engajados que são os filósofos naturalmente na compreensão da coerência interna do texto. Ela supõe um retorno no sentido da vitalidade da heurística que sustenta a força afirmativa do texto.

Husserl denomina *epoché* o gesto pelo qual se desloca o olhar para ler de outra forma. Tomar distância do fenômeno descrito, colocar entre parênteses os conteúdos já dados, para se interrogar quanto à permanência do sentido, não aderir de forma ingênua ao que parece, a fim de possibilitar o acesso a outros modos do fenômeno.

Para fazer da *epoché* um ideal e uma condição formal de possibilidade é de

ser feita uma *praxis*; no caso de uma leitura filosófica, deve-se manter a vigilância, a abertura ao que não é dado naturalmente, quer dizer, **não limitar a leitura somente ao conteúdo do que está escrito, mas, sobretudo, fazer aparecer todas as possibilidades inerentes ao fenômeno.**

Assim, a prática da fenomenologia busca libertar o texto, evitando aceitar, sem questionamento, o significado que aparece de imediato, com vista a apreensão de novos significados possíveis pela indeterminação do sentido. **Suspende-se o primeiro sentido que aparece ao espírito para deixar emergir a possibilidade de um significado mais profundo.**

Praticar uma *epoché* é se esforçar para não escrever imediatamente o que se pensa de uma questão, mas deixar que ela amadureça.

A fenomenologia propõe uma atitude de abertura na qual o sentido não é dado, mas reside na indecisão de um ‘não-dado’ sempre possível. Tudo o que fixa o sentido de uma interpretação prévia se inscreve na lógica linear de comentário do texto, seja hermenêutica, seja exegética, e leva a um pensamento não fenomenológico, tido como ‘fabricado’.

O procedimento para elaboração de um pensamento fenomenológico, que não seja ‘fabricado’, é a prática contínua **do questionamento, da permanente colocação de novas questões**, onde o pensamento não para de se recompor, de se remodelar, encontrando novos sentidos para a experiência. **O fenomenólogo, como o prático, não presume, nem toma nada por certo, indo sempre à frente, deixando as portas da existência abertas.**

A prática fenomenológica consiste na obra de um pensamento em movimento constante e transformação incessante. **É o lugar de experimentação de uma prática do pensamento e de um pensamento como prática**, que se renova a cada vez que se interroga.

Já a não-fenomenologia caracteriza a filosofia como estabelecendo um sistema de conceitos e de doutrinas, sem questionamento; esses são realidades definitivas e fechadas neles mesmos.

O que condiciona o modo fenomenológico é a adesão inabalável à experiência em sua singeleza primeira; seu procedimento descritivo é o modo discursivo privilegiado da fenomenologia³.

A prática da descrição fenomenológica se beneficia de seus recursos escriturais de conteúdo ético, como aqueles relativos ao campo jurídico, a disciplina histórica ou a competência médica, abrindo um espaço de vigilância sobre o discurso proferido.⁴

Assim, as descrições são relacionadas às lições já adquiridas através da prática etnográfica, considerada a etnologia como descrição de culturas e ensinamentos. A prática chama à composição, a mistura, mais do que a pureza.

Ao comparar estudos fenomenológicos descritivos cuja característica é de realismo descritivo identifica-se a utilização de instrumentos discursivos estéticos, como as metáforas, e os éticos, como o testemunho e a atestação.

A prática da escrita fenomenológica revela múltiplas modalidades discursivas, as quais atestam como a linguagem da fenomenologia possibilita a utilização de fontes diferentes para dar conta da experiência fenomenal, no seu relevo singular, como descrição observadora da imagem expressada, da narração ficcional ou do testemunho ético.

Dessa forma, a prática da linguagem fenomenológica conduz à realidade de composições e a desidealização da completude. Percebemos que a linguagem da prática

3 DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète**. Paris: Armand Colin, 2012, p.133.

4 DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète**. Paris: Armand Colin, 2012, p.149.

que vive e trabalha com a diversidade e a incompletude do cotidiano. Pode-se dizer que a prática da escrita fenomenológica leva a uma *epoché* incessante do regime discursivo mais natural para um fenomenólogo, a descrição, em proveito de outras formas de discurso (expressão, narração, testemunho), que vêm colocar à prova a descrição apresentada no seu idealismo mítico, obrigando essa a se questionar.⁵

Em vista disso, o estudo da obra de Kafka é realizado com base nessa abordagem fenomenológica, com a qual empreende-se a jornada, observando as múltiplas modalidades discursivas utilizadas por Kafka, para um questionamento mais amplo do conhecimento filosófico, jurídico e histórico, a facilitar a percepção de novos sentidos, em um questionar permanente, no qual as portas da existência permanecem abertas.

A leitura não se limita ao fixado antecipadamente, na busca do sentido que não foi revelado, recusando o pensamento aparente; investiga em novas experimentações orientadas ao retorno às coisas por elas mesmas. Na interpretação de cada cena descrita e sempre que possível dos termos utilizados, a prática fenomenológica encontra amparo na multidisciplinariedade, na articulação de conhecimentos jurídicos e históricos, cujo conteúdo possibilita sua elaboração.

Ressalte-se que não há limitação do campo contributivo de saberes, razão pela qual o aporte de subsídios das mais diversas ordens incrementa a interpretação e o estudo da obra de Kafka. As conclusões identificadas através da aplicação de um campo do conhecimento não excluem a de outro campo, a complementação é permanente.

O caráter atemporal e universal da obra de Kafka permite essa pluralidade de avaliações, a qual se torna mais rica ainda com a abordagem fenomenológica.

REFERÊNCIA

DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète.** Paris: Armand Colin, 2012.

5 DEPRAZ, Natalie. **Comprendre la phénoménologie. Une pratique concrète.** Paris: Armand Colin, 2012, p.152.